



MAROTINHO E A IGREJA CATÓLICA

Gisele Oliveira de Lima¹

RESUMO: *Este artigo pretende retratar sobre participação e atuação da Igreja Católica junto ao Movimento Baixa do Marotinho, movimento de luta pela moradia que aconteceu em 1976, em Salvador. Através dessa análise iremos identificar o processo de organização política dos movimentos sociais em 1976, que se caracteriza como um período de transição e de significativas alterações no conjunto da sociedade civil. Dentro dessa atmosfera de modificações políticas por parte das organizações profissionais e na formação de associações de bairros que a Igreja Católica se apresenta como importante ator social nesse processo de transição.*

Palavras-chave: Movimento social; Religião e Política; Luta pela moradia.

INTRODUÇÃO

Muitas famílias pobres que não possuíam condições de adquirir uma casa própria ou de continuar pagando aluguel, optaram em ocupar uma área ociosa, situada entre Fazenda Grande São Caetano, local chamado pelos moradores dos bairros vizinhos de Baixa do Marotinho. Essa ocupação começou a se intensificar em 1974. Ao final de 1975 a Prefeitura Municipal de Salvador conseguiu pela justiça a reintegração de posse da área. A partir de então iniciou o processo de organização e mobilização por parte dos moradores para que não fossem expulsos.

A determinação da prefeitura em dar prosseguimento a ordem judicial de reintegração de posse e a mobilização dos moradores para não serem expulsos se consolidou não somente como um impasse sócio urbano, o envolvimento de diversos setores da sociedade civil e a forte cobertura da imprensa, transformou esse movimento num problema político.

O advento desse movimento popular se deu tendo um grande auxílio: a Igreja Católica. A ala progressista da Igreja, ligada a Teologia da Libertação, não só auxiliaram o processo de organização dos moradores como, também, contribuíram na articulação desse movimento com outros setores da sociedade.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Mas para tratarmos da atuação da Igreja junto ao movimento do Marotinho temos que nos reportar ao ano de 1966, momento em que os Padres Paulo Maria Tonucci e Renzo Rossi tomaram posse na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, localizada nas proximidades do Largo do Tanque, mais precisamente no Alto do Peru, em Salvador.

A paróquia abrangia os bairros de Fazenda Grande, São Caetano e Capelinha de São Caetano, todos na periferia de Salvador, e contíguos. Segundo depoimento do Pe. Renzo a Emiliano José (2002), a população da paróquia possuía em torno de 60.000 habitantes. Padre Renzo descreveu a Emiliano José um dos primeiros choques religioso-cultural que teve logo após chegar à paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe:

¹ Historiadora, Mestra em História pelo PPGH-UFBA. E-mail: giseleoliveiralima@hotmail.com



Na Sexta-Feira Santa, quando se celebra a morte de Cristo, ficou entusiasmadíssimo com as milhares de pessoas presentes à procissão da Via-Sacra. Acostumado aos costumes cristãos da Itália, onde a Páscoa tem muito mais peso do que a própria Sexta-Feira Santa, pensou de si para si: se veio tanta gente hoje, imagine no domingo.

No dia de Páscoa, abriu a igreja cheio de expectativa. E se decepcionou profundamente. Esperou um pouco mais do que o normal, e não conseguiu contar mais do que dezessete pessoas. Chegou a perguntar a uma senhora das razões daquela pequena presença.

- O que está acontecendo? Por aqui não se celebra a Páscoa? A senhora respondeu que a Páscoa já tinha sido celebrada. Na sexta.

- Não, senhora. Aquela é apenas uma parte da Páscoa, a morte de Cristo. A festa verdadeira é hoje, a festa da ressurreição.

Isso o fez compreender o tipo específico de fé que vigorava no Brasil, herança da península ibérica. O povo estava mais ligado ao sofrimento. Cultuava o Jesus morto, o Jesus crucificado. A devoção a Nossa Senhora das Dores. A religião como conforto para o sofrimento. (...)

Lembra-se de ter visto um velho, com 80 anos, cair, ferir os lábios, se levantar com dificuldade, e dizer, conformado:

- Não tem importância. Foi Deus quem quis.

Renzo, ao lado dele, não se conteve:

- Ah, Deus quem quis! Coisa nenhuma, Deus não quis nada. Você que é cretino. Anda na rua com 80 anos, não presta atenção, e depois coloca a culpa em Deus.

Não se vinculava o cristianismo à ressurreição, ao fortalecimento da vida. Se Cristo ressuscita depois de três dias, há esperança. Se a ênfase é principalmente na ressurreição, há uma promessa de vida futura para o povo. Formulou uma frase, até hoje lembrada por ele, não dita a ninguém:

- Este povo não pode ser um povo verdadeiramente cristão enquanto não descobrir o valor da ressurreição. (JOSÉ, 2002. p. 69-70)

Essa citação nos demonstra que a comunidade da paróquia frequentava a Igreja no intuito de procurar um alento para suas angústias e sofrimentos. Além disto, a Igreja servia como espaço de segurança em meio aos dilemas vivenciados pela paróquia. Para Pe. Renzo “a festa verdadeira” era a ressurreição, pois ela significava esperança, possibilidade de mudança, de fortalecimento da vida. Mas como viver isso no meio de tanta pobreza, de tanto sofrimento? Padre Renzo percebia que a Igreja não tinha somente a função de transmitir o Evangelho e acalantar os cristãos, mas deveria também dar esperança àqueles que necessitavam, bem como forças para lutar e mudar a situação dos paroquianos. Isso podia ser encaminhado através do próprio Evangelho, por meio de uma Teologia da Libertação².

GRUPO MOISÉS E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Dentro de uma realidade de muita pobreza os padres Renzo e Paulo chegaram em Salvador, provenientes da Itália, e passaram a refletir mais sobre a Igreja, o Evangelho e suas funções como missionários.

² Em entrevista junto ao Pe. Renzo, ele nos explicou que Teologia da Libertação era a mesma Teologia da Ressurreição (termo que ele preferia), uma vez que se trata de uma teologia com o objetivo de libertar a alma. Não estar aprisionado, ainda que o corpo se sinta como tal.



De acordo com Emiliano José (2002), do final da década de 1960 ao início dos anos 70, os dois padres tomaram contato com a Teologia da Libertação e com D. Hélder Câmara. Outra grande referência para estes padres foi D. Timóteo Amoroso Anastácio, abade do Mosteiro de São Bento. Ele era importante liderança no Grupo Moisés; grupo, este que se constituiu como centro de articulação da ala progressista da Igreja Católica na Bahia.

As reuniões do grupo se iniciaram nos anos de 1970 e foi um importante espaço de discussão teórica e prática da Teologia da Libertação. Segundo Pe. Renzo³ e Délia Boninsegna⁴, a linha de frente do Grupo Moisés era composta por Pe. Paulo e Pe. Cláudio Perani, importante missionário jesuíta que coordenou durante muitos anos o Centro de Ação Social – CEAS (JOSÉ, 2002).

O Grupo Moisés se constituiu em local de articulação e planejamento da ala progressista da Igreja e foi através deste que se organizou e mobilizou o Grupo de Evangelização da Periferia. Délia Boninsegna nos relatou que este grupo de evangelização era um espaço de encontro entre várias paróquias. Através deste grupo que as paróquias se organizavam e apoiavam os nichos de manifestações populares por moradia.

O Caderno do CEAS, nº 37, apresenta um artigo “Por um lugar onde morar: Subsídios para uma história das invasões e dos desabrigados em Salvador”, que retrata as ocupações e as enxurradas que desabrigavam muitas famílias. O artigo aborda também o apoio e a colaboração de diversas paróquias a estes desabrigados. Comenta ainda sobre a luta dos desabrigados durante as chuvas que ocorreram no ano de 1974.

As 1.500 pessoas desalojadas das áreas do Bom Juá, Capelinha, Baixa do Marotinho, Fonte do Capim e Baixa do Cacau se organizaram em comissão de 60 pessoas e foram até a Prefeitura em busca de um local provisório para ficarem. Os desabrigados foram auxiliados pelos moradores do local, bem como por religiosos e leigos da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. Várias famílias desalojadas se abrigaram em diversas escolas no antigo aeroporto de Itapagipe e no Barracão da Leste.

A atuação da Igreja pode ser percebida na entrevista de Délia Boninsegna, quando ela comentou sobre a orientação que Padre Paulo dava às famílias desalojadas pelas chuvas:

Final de abril, eram as chuvas de inverno, começavam as chuvas. Normalmente, a paróquia da gente era uma das mais atingidas. Então, normalmente, todo ano a gente tinha mais de 500 pessoas desabrigadas, né? Aí, a gente levava as pessoas e (...) estimulava as pessoas a invadirem as escolas, né? Paulo nunca permitiu, (...) nunca deu lugar na Igreja. Porque dizia ele - Se vocês permanecem na Igreja, as autoridades não vão fazer nada. Se vocês ocupam as escolas, aí os meninos ficam sem escola, então vocês fazem pressão. - E de fato sempre foi assim. (Entrevista com Délia Boninsegna no dia 22.01.2008)

Como podemos ver, tanto no artigo do CEAS quanto na fala de Délia, a Igreja acompanhou e auxiliou no processo de organização das famílias desalojadas e das ocupações que surgiam na periferia de Salvador. Tal ação se fez presente também na Baixa do Marotinho, onde os padres não só acompanharam a ocupação como também orientaram os moradores no processo de conflito.

³ Padre Renzo Rossi nos concedeu entrevista nos dias 14 e 17 de janeiro de 2008.

⁴ Délia Boninsegna, italiana, leiga missionária, que chegou no Brasil em 1971, passou a compor a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, trabalhando com Padre Paulo Tonucci no bairro de Fazenda Grande, além de auxiliar o movimento do Marotinho. Ela nos concedeu entrevista em 22.01.2008.



A gente todo dia se encontrava com o grupo (Ocupantes do Marotinho). Era uma invasão de trezentas famílias, parecia que era uma das invasões que ia pra frente, porque era num lugar escondido e não era um lugar cobiçado. (...) Era uma invasão, a gente como dava apoio as invasões em tudo quanto é canto, aí, também era lá, na zona da gente. Aí, começou a freqüentar. Paulo ia lá, fazia os encontros com o pessoal dizia ao pessoal que o problema das invasões: o futuro das invasões era quando o povo tava unido, organizado e se fortalecia na união. (Entrevista com Délia Boninsegna no dia 22.01.2008)

Uma das preocupações de Pe. Paulo, citadas por Délia, era manter a comunidade unida para poder pressionar o governo e, assim, garantir a moradia. Os padres Paulo e Renzo trabalharam juntos acompanhando e auxiliando os ocupantes. Essa preocupação em garantir melhores condições de vida para as famílias carentes foi se fecundando à medida que os padres Paulo e Renzo foram tendo maior conhecimento sobre a Teologia da Libertação. Segundo Catão, o conceito de Teologia da Libertação significa:

Libertar-se interiormente de todos os determinismos que aprendeu e analisar e cujo jugo procura sacudir 'arrumando a própria cabeça'. Libertar-se, enfim, política e economicamente, lutando para que a sociedade em que vive seja uma sociedade mais humana, em que os problemas de convivência e de subsistência se resolvam num clima de respeito mútuo e de equidade, com a participação de todos. (CATÃO, 1985, p. 78)

A libertação para aquela teologia católica progressista era o caminho privilegiado da salvação, e esta seria uma intervenção divina na vida dos homens. Segundo Catão (1985), é através da libertação que a salvação se torna presente na história. Partindo desse pressuposto, os padres Paulo e Renzo auxiliaram a comunidade do Marotinho na luta para permanecer na ocupação.

Os ocupantes da Baixa do Marotinho receberam o apoio da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe e do Grupo de Evangelização da Periferia. Foram com estes auxílios que os Marotinhos escreveram uma carta ao prefeito, pedindo que ele revisse a posição da PMS em relação ao pedido de reintegração de posse. Após a resposta do administrador municipal de que não recuaria na sua posição, a comunidade, que já estava se reunindo com frequência para discutir sobre o que iriam fazer diante da ameaça de expulsão, resolveram construir uma Associação dos Moradores da Baixa do Marotinho. Ela serviria tanto para as reuniões da comunidade quanto para a escola que eles próprios fundaram.

Isso demonstra que os moradores passaram a se preocupar com a unidade do movimento, e que através dela poderiam manter a luta. Segundo Délia, a importância da união foi muito enfatizada por Pe. Paulo nas suas caminhadas junto à ocupação e na sua participação nas reuniões de moradores.

A IGREJA ARTICULANDO OS MOVIMENTOS

A parceria da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe com o Marotinho não se restringiu, apenas, em auxiliar nas reuniões e na defesa de certas posturas políticas. A articulação da paróquia com os grupos Moisés e Evangelização da Periferia, permitiu contatos com outros grupos e movimentos de profissionais liberais e estudantis. A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Bahia - OAB, o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Bahia - IAB, o Diretório Central dos



Estudantes da Universidade Federal da Bahia – DCE/UFBA e o Clube de Engenharia estavam entre as instituições que declararam apoio ao movimento e intercederam no processo de negociação com o Prefeito no intuito de impedir a expulsão dos ocupantes, como já citamos anteriormente.

Nesse processo a Igreja teve um importante papel na articulação da sociedade civil para apoiar o Marotinho. Essa ligação advém de atuações conjuntas que se realizaram anteriormente ao Marotinho. Os estudantes universitários e secundaristas, moradores de bairros do centro e da periferia, padres e profissionais liberais atuaram conjuntamente frente às dificuldades das famílias desalojadas durante as chuvas de 1974. Outro momento que unificou esses setores foi o apoio que deram aos estudantes pela reabertura do DCE/UFBA e rejeição à Reforma Universitária que o governo queria implantar em 1973. Além disso, surgiram diversos outros conflitos que demandaram a atuação conjunta dos diferentes setores sociais organizados⁵.

De acordo com Maria Gonzalez (1997), em 1973, durante a Semana de Urbanismo organizado pelo IAB, surgiu a idéia da aglutinação de entidades. Esta idéia contou com a adesão de doze entidades que passaram a chamar esse espaço de Convênio Cultural de Profissionais Liberais. A atuação desse convênio cultural contava com a participação do setor estudantil e do setor progressista da Igreja.

A expulsão do Marotinho e a conquista dos lotes no Novo Marotinho impulsionaram a presença de grupos de bairros da periferia nas reuniões do convênio cultural. O aumento da participação dos setores de bairros nas reuniões estimulou a continuidade do trabalho que vinha sendo desenvolvido em conjunto. Nesse cenário de mobilização, as diferentes esferas da sociedade civil resolveram criar uma Comissão Provisória de Trabalho Conjunto. Essa comissão tinha como objetivo: organizar as reuniões do Trabalho Conjunto, coordenar suas ações em diferentes áreas de atuação, além de propor atividades para a sociedade.

Uma das atividades do Trabalho Conjunto foi a criação de uma “Mensagem Calendário” que tinha pretensão de divulgar as reivindicações por melhores condições de vida. Esse calendário apresentava uma foto da ocupação do Marotinho no dia da expulsão, mostrando os ocupantes desesperados e uma grande bandeira do Brasil. Após esse calendário, em 1978, o Trabalho Conjunto elaborou e publicou uma Carta de Princípios que tinha intenção de apresentar os objetivos gerais do Trabalho (CEAS, nº56, 1978).

CONCLUSÃO

O apoio de diferentes entidades foi de grande valia para pressionar a PMS e o governo do Estado na tentativa de encontrar uma solução que não resultasse na expulsão. Entretanto temos que destacar o papel da Igreja no processo de auxílio ao Marotinho. O setor dentro da Igreja, ligado à Teologia da Libertação, passou a visualizar que a ordem política da ditadura militar só agravava o estado de miséria e coibia a liberdade dos cristãos, em busca de uma sociedade mais humana e, assim, mais próxima de alcançar a salvação na história.

Os adeptos da nova teologia se tornaram missionários militantes pelo combate à ditadura e pelo direito à libertação, atuando conjuntamente com militantes partidários, com organizações de esquerdas e independentes. Os padres Paulo Tonucci e Renzo Rossi se tornaram missionários

⁵ Carta Aberta ao Prefeito de Salvador, em junho de 1975, expondo problemas da cidade; elaboração de boletins informativos para as direções de entidades; participação em Ato pela Anistia, em maio de 1977; apoio a invasão Beira Mangue, na Avenida Suburbana em Salvador, no ano de 1977; apoio ao Movimento Feminino pela Anistia, em 1977; etc. (GONZALEZ, 1997, pp.47-51)



militantes. Os dois trabalhavam juntos, mas possuíam suas diferenças nas interpretações sobre a realidade e sobre o modo de agir politicamente. Como Pe. Renzo nos disse em entrevista:

Paulo era radical. Segundo Emiliano, era a esquerda dos mais esquerdistas, era um padre além. (...) Quando houve a invasão do Marotinho. (Para Paulo) Era um direito do povo invadir, o povo deve lutar até o fim. Eu digo sim, mas vamos ver com as autoridades se conseguimos alguma coisa. Ele era contrário a pedir a mediação. (Entrevista com Pe. Renzo no dia 14.01.2008)

Os dois possuíam diferentes modos de agir nas ações políticas. Apesar de Pe. Renzo afirmar que Pe. Paulo era contrário a pedir mediação, Pe. Paulo sabia da importância em solicitar o apoio de D. Avelar Brandão Vilela e de conquistar aliados na sociedade civil para mediar a luta. Nas suas diferentes maneiras de agir, cada um desempenhava uma função: Pe. Paulo acompanhava mais politicamente os moradores do Marotinho; Pe. Renzo se incumbia em acompanhar a comunidade de uma forma mais intuitiva.

Entre Renzo e Paulo houve uma frutífera divisão de trabalho. Renzo era o lado prático, o homem que fazia, que operava. Paulo, mais voltado para a formulação teórica, para os princípios. Sem que, no entanto, as coisas fossem estanques. Nem Renzo descuidava de sua formação teológica (...), nem Paulo deixava de lado suas atividades práticas. Fala-se nessa divisão muito mais quanto à ênfase. E talvez por essa divisão é que se dessem tão bem, tenham sido tão amigos durante toda a vida. (JOSÉ, 2002, p. 85)

Pe. Renzo ia à ocupação e procurava escutar as angústias dos moradores. Tentava confortá-los e participava das reuniões. Enquanto isso, Pe. Paulo confeccionava histórias em quadrinhos, objetivando criar uma linguagem mais acessível aos moradores. Essas histórias abordavam o Evangelho, o movimento e a importância da organização e união entre eles. Ele também ajudou a organizar o levantamento socioeconômico do Marotinho para, assim, divulgar à população soteropolitana as precárias condições em que viviam a família. Ele ainda acompanhava as reuniões. Foi com essa divisão de trabalho entre os padres Paulo e Renzo que eles acompanharam e participaram do Movimento do Marotinho. Délia Boninsegna e outros que compuseram a paróquia Nossa Senhora de Guadalupe também auxiliaram o movimento.

Alguns dias antes do Carnaval de 1976 a prefeitura havia mandado policiais para tentar expulsar os Marotinhos, porém não conseguiram por não possuírem uma ordem judicial. No dia 04 de março de 1976, a prefeitura tentou realizar a expulsão e, novamente, não teve êxito, pois não apresentaram um mandado. Diante dessa situação os Marotinhos se reuniram, nessa mesma noite, para fazer uma proposta de acordo e foi com essa proposição que Adelmo, D. Timóteo e a Comissão (eleita pelos ocupantes) foram tentar se encontrar com o prefeito, enquanto a polícia cercava a baixada. No dia da expulsão do Marotinho, Pe Renzo nos relatou como se procedeu o ato:

O juiz deu a ordem de expulsar. Mas, enquanto a gente não saía, o exército cercou todo o Marotinho e mandara (...) trator para derrubar todas as casas. Primeiro houve o acerto, não é? Pedindo, novamente, ao povo de deixar as casas e ninguém deixou. O exército cercou toda área. (...) Eu estava mais na área que olhava para Bom Juá e ele mais para a área que subia para São Caetano. Então, quando chegamos eu e Padre Paulo fomos proibido de entrar. Com exército de metralhadora na mão. Paulo tentou entrar, mas foi preso. Na hora dele entrar o soldado que pegaram ele e lhe impediram de entrar. Também



a mim, eu fugi e entrei. Eu me lembro sempre: -Pare ou? (Ameaçando que iam atirar) -Faça se você quer que amanhã saia no jornal que um soldado matou um padre pode atirar, disse. (...) Então, veio o capitão ao meu encontro:

-Por que o senhor entrou? (Capitão)

-Por que não deveria entrar? (Renzo)

-Porque foi proibido. (Capitão)

-Proibido por quem? Este é o meu povo, se o povo está sofrendo eu como padre devo estar no meio deles. (...) O padre deve estar perto do povo que sofre. Se me proíbe de entrar, mas não tem nenhum direito de me proibir, eu entro faça o que quiser.

(...)

Logo apresenta Cardeal dom Avelar Brandão Vilela e veio também junto com ele, provoqueei a vinda de Roberto Santos. (Entrevista com Pe. Renzo no dia 14.01.2008)



Imagem 01 - No dia 05 de março de 1976, os ocupantes do Marotinho sendo despejado. “A desocupação dos barracos. Nada Ficou; Despejo coletivo, na invasão da miséria; Uma senhora grávida na ambulância; Os olhos infantis conservarão por mais um tempo a visão do drama. Na sua seriedade, uma acusação muda”.

Fonte: *A Tarde*, 06.03.1976.

A baixa do Marotinho foi cercada não pelo exército, mas pela polícia militar. Os acessos por Fazenda Grande e São Caetano estavam fechados. Padre Paulo foi preso por tentar romper a barreira. Apesar de várias tentativas de conciliação com a prefeitura, a PMS esteve irredutível no seu propósito, de tal maneira que foi realizada a expulsão do Marotinho.

Os jornais da época e Pe. Renzo, em entrevista, informam que o Cardeal D. Avelar Brandão Vilela intercedeu perante o governador em favor dos ocupantes e, após essa conversa, Roberto Santos prometeu alojar os ocupantes em outra localidade concedendo os terrenos. Padre



Renzo, durante a entrevista, não se recordou direito se esse comprometimento foi antes ou depois da expulsão. Entretanto, Délia Boninsegna conversou conosco sobre essa promessa:

Durante três dias teve ida e volta com o governador, com o prefeito e etc., né? Mas já tava determinado que devia ser demolido, por uma questão de princípio.(...) Mas com essa pressão toda, com esse alarde que fez a mídia a nível nacional, então o governador se responsabilizou que ia derrubar o Marotinho, mas que ia entregar, levar o pessoal numa nova área e que ia entregar um terreno nessa nova área. (Entrevista com Délia Boninsegna no dia 22.01.2008)

Délia comentou que houve uma grande notoriedade na mídia, em rede nacional, sobre a ocupação do Marotinho. Relata também que a emissora BBC de Londres noticiou sobre a expulsão do Marotinho. Essa cobertura da imprensa nacional e internacional no caso Marotinho se deveu muito a atuação dos diferentes setores da sociedade civil e, principalmente, da Igreja em apoiar os ocupantes.

Délia concluiu que diante desse alarde em torno da ocupação, o governador disse que não impediria a expulsão. Porém, o governo iria amparar os expulsos em nova área. Essa promessa foi feita ao Cardeal e ao Movimento, tanto que os jornais da época noticiaram a doação dos lotes aos ex-ocupantes da Baixa do Marotinho, após a expulsão.

REFERÊNCIA

BOFF, Leonardo. **Teologia da libertação e do cativoiro**. Lisboa: Multinova, 1976.

CATÃO, Francisco. **O que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

CEAS, Cadernos do CEAS. Movimentos de Articulação, nº 56, pp. 29- 35, jul/agost. 1978.

CEAS, Cadernos do CEAS. Por um lugar onde morar: Subsídios para uma história das invasões e dos desabrigados em Salvador, nº37, pp. 21-34, Mai/Jun. 1975.

CEAS, Cadernos do CEAS. Drama do Marotinho, nº45, pp. 21 – 36, Set/Out. 1976.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ ANPOCS, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JACOBI, Pedro. Movimentos Sociais Urbanos. Os desafios da construção da cidadania. In: CEAS, Cadernos do CEAS, nº 129, pp. 35- 43.

JOSÉ, Emiliano. **As Asas Invisíveis do Padre Renzo: uma história singela de amor e dor nos tempos da ditadura brasileira**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



SADER, Eder. **Quando Novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.1, 1987.

_____. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.